



A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso

Latin American theology and religious pluralism

Cláudio de Oliveira Ribeiro*

Resumo

Análise dos principais desafios do pluralismo religioso para o contexto teológico latino-americano. Como resultado de nossa pesquisa, formulamos três eixos norteadores da temática: I. A importância pública das religiões para os processos de promoção da paz e da justiça, associada ao valor da mística e da alteridade na formação de espiritualidades ecumênicas e como elas incidirão nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido. II. A necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas. III. A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. Metodologicamente, reunimos a produção teológica latino-americana em torno das questões do pluralismo religioso, identificamos os aspectos principais, especialmente os que interpelam mais diretamente o método teológico e sistematizamos os pontos que consideramos mais desafiadores em torno dos três eixos já referidos. A pesquisa mostra que, diante do pluralismo religioso, faz-se necessária para a teologia das religiões uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos e das lógicas inclusivas.

Palavras-chave: Método teológico. Teologia das religiões. Pluralismo. Teologia da libertação.

Abstract

This paper analyses the main challenges of religious pluralism for the theological Latin American context. The research was formulated around three topics: (i) the public importance of religions for the peace processes and promotion of justice. It takes into account the way in which the ecumenical formation of spiritualities, in the middle of mysticism and alterity, affects religious and social processes, allowing the emergence of new utopian, democratic and meaningful perspectives; (ii) the necessity of rethinking theological locus, shifting to a starting point of afro-indigenous cultures; and (iii) the contribution of feminist liberation theology to the debate of religious pluralism. Our method was to bring together the principal questions around religious pluralism in Latin American theology, identifying its principal aspects, focusing mostly those aspects that directly interpellate the theological methodology. Those aspects were systematized around the three topics mentioned above. The paper shows that, concerning religious pluralism, it is necessary for the theology of religions special attention to the relationship between the capacity for dialogue of religious groups around the defense of human rights and inclusiveness.

Keywords: Theological methodology. Theology of religions. Pluralism. Liberation Theology.

Artigo recebido em 22 de agosto de 2013 e aprovado em 04 de novembro de 2013.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor titular de Teologia e Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. País de origem: Brasil. E-mail: claudio.ribeiro@metodista.br

Introdução

Desde o início dos anos de 1990, tenho procurado fazer uma avaliação crítica da Teologia Latino-Americana da Libertação, referência teológica de sublime importância para mim, pela qual procuro seguir, mesmo com limitações, para pautar minha vida pessoal, minha inserção pastoral e meu trabalho acadêmico. Trata-se de questionamentos feitos “por dentro”, com avaliações efetuadas *ad intra* e em compromisso com os princípios práticos e teóricos fundamentais desta visão teológica, sobretudo a preferência que o Evangelho nos exige que se dê às pessoas pobres.

Mas o pensamento crítico é sempre marcado por interpelações que nem sempre são totalmente justas. Recordo-me de certas reações em torno de um texto (antigo) em que apresentei tais questões, "Novos Desafios para um Novo Milênio: reflexões em torno da teologia e da pastoral latino-americanas" (1995) e de outros que se seguiram, em que invariavelmente precisava afirmar posteriormente aos leitores que tal compreensão do Evangelho – o amor de Deus revelado preferencialmente aos pobres e como eles se empoderaram como anunciadores privilegiados do Reino de Deus – é marca teológica vital para a vivência da fé.

Tais avaliações destacam uma densa e variada riqueza do legado teológico latino-americano para as novas gerações. Dele emergem especialmente a dimensão comunitária da fé cristã, as dimensões sociais e políticas do compromisso cristão com a defesa da vida, com a solidariedade humana, com a sustentabilidade do mundo, com as formas de inclusão e de cidadania, com o exercício dos direitos humanos e com a integridade da criação. Diante dos esforços em forjar e garantir o referido legado há desafios enormes que marcam o contexto teológico latino-americano.

Não obstante a muitas e diversificadas análises, reconhecemos que não é tarefa simples indicar tais desafios. Há três aspectos que mobilizam a atenção de

teólogos e de teólogas, e que a mim tocam de forma bem intensa. O primeiro deles é a tarefa de alargamento metodológico e de atualização nas formas de compreensão da realidade, pressuposto sempre presente nas teologias de caráter social e político. No caso latino-americano, trata-se de avaliar o peso dos esquemas reducionistas que utilizaram em demasia a bipolaridade “dominantes x dominados” de certas formas de marxismo nas análises sociais, ocultando por vezes a complexidade social. Nesse sentido, defendemos uma lógica plural para o conhecimento das situações em que vivemos.

Um segundo desafio está em torno da espiritualidade. Não foram poucas vezes em que a Teologia da Libertação foi acusada de não ter espiritualidade. É fato que as dimensões racionais presentes no método teológico latino-americano, como as mediações socioanalíticas para a compreensão da realidade, o rigor nas exegeses bíblicas e nas avaliações históricas e as formas articuladas de ação eclesial e política marcam uma ambientação de racionalidade que, pode inibir, formas mais subjetivas de espiritualidade. Mas, a mística evangélica é parte constitutiva da participação cristã nos processos de libertação social. Daí, a emergência de grandes desafios teológicos e pastorais, em geral requerendo uma abertura a visões marcadas por pluralidade.

Um terceiro desafio reside em torno do encontro da teologia com o pluralismo religioso. A teologia latino-americana priorizou o dado político para suas interpretações e nem sempre esteve atenta às diferenças culturais, que no caso de nosso continente, são fortemente entrelaçadas com a diversidade das expressões religiosas.

A seguir, desejamos, ainda que panoramicamente, comentar o terceiro desafio.¹ Nossa pressuposição é que a perspectiva pluralista das religiões tem interpelado fortemente o contexto teológico latino-americano, especialmente por sua vocação libertadora e pelos desafios que advêm de sua composição cultural

¹ Apresentei os dois primeiros desafios em duas obras: *A Teologia da Libertação Morreu? Reino de Deus e Espiritualidade Hoje* (2010) e *Libertação e Gratuidade: reflexões teológicas sobre a espiritualidade* (2013).

fortemente marcada por diferenças religiosas que se interpenetram nas mais diferentes formas.

A teologia latino-americana da libertação, dentre seus muitos desafios, tem elaborado uma consistente reflexão sobre os desafios do pluralismo religioso.² Como se sabe, a vocação ecumênica, ao marcar as reflexões teológicas, mostra que o caráter de apologia, de sectarismo ou de exclusivismo é ou deve ser evitado. Teologicamente, afirmamos que Deus é sempre maior do que qualquer compreensão ou realidade humana. Age livremente, em especial na ação salvífica. Neste sentido, não é preciso estar excessivamente preocupado em descobrir quem é ou será salvo (para utilizar o imaginário comum dos cristãos), mas, no caso dessa mesma tradição religiosa, quem é e o que representa Jesus Cristo para a comunidade cristã.

Essa perspectiva remete-nos, entre outros fatores, à busca de um paradigma para a teologia das religiões. Trata-se da superação dos modelos já consagrados, como o que considera Jesus Cristo e a Igreja como caminho necessário para a salvação (exclusivismo); o que considera Jesus Cristo como caminho de salvação para todos, ainda que implicitamente (inclusivismo); e aquele no qual Jesus é o caminho para os cristãos, enquanto para os outros o caminho é sua própria tradição, sem grandes preocupações com autocríticas, revisões e mudanças (relativismo). A perspectiva pluralista, que advogamos, possui como característica básica a noção de que cada religião tem sua proposta salvífica e de fé, que deve ser aceita, respeitada e aprimorada a partir de um diálogo e aproximação mútuos. Assim, a fé cristã, por exemplo, necessita ser reinterpretada a partir do confronto dialógico e criativo com as demais fés. O mesmo deve se dar com toda e qualquer tradição religiosa. Aqui há um ponto de novidade que coloca a todos em constante desafio.

² O marco dessas reflexões foi a publicação da série de livros, sob os auspícios da Associação dos Teólogos e Teólogas do Terceiro Mundo (Asett): *Pelos muitos caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à teologia da libertação* (2003), *Pluralismo e libertação: por uma teologia latino-americana pluralista a partir da fé cristã* (2005), *Teologia latino-americana pluralista da libertação* (2006), *Teologia pluralista libertadora intercontinental* (2008) e *Por uma teologia planetária* (2011). Ao lado dessas obras, um volume considerável de textos tem sido produzido em terras latino-americanas.

Ao reforçar as dimensões do plural e do diálogo e ao indicar o desafio do debate ecumênico das religiões, desejamos mostrar que lógica plural é fundamental para o método teológico e para a vivência religiosa. Entre os muitos desafios para o contexto teológico latino-americano, indicamos, como resultado de nossa pesquisa, apenas três: a importância pública das religiões para os processos de promoção da paz e da justiça, associada ao valor da mística e da alteridade na formação de espiritualidades ecumênicas; a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas e a contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso. Metodologicamente, reunimos a produção teológica latino-americana em torno das questões do pluralismo religioso, identificamos os aspectos principais, especialmente os que interpelam mais diretamente o método teológico e sistematizamos os pontos que consideramos mais desafiadores em torno dos três eixos já referidos.

Como indicamos em outras oportunidades, os setores acadêmicos têm sido cada vez mais desafiados pelos temas relativos à religião especialmente pelas tensões entre a racionalidade moderna e a emergência das subjetividades que marcaram o desenvolvimento do pensamento no final do século 20 em diferentes continentes. No campo da teologia e das ciências da religião um olhar mais detido tem sido crescente no tocante aos desafios que as aproximações entre distintas experiências religiosas têm produzido.

Apresentaremos, em síntese, alguns aspectos decorrentes de uma teologia ecumênica das religiões. Eles, em nosso ver, poderiam suscitar novas referências teóricas para se pensar futuramente as relações, complexas por suposto, entre religião e sociedade. Indicaremos aspectos que julgamos relevantes para uma espiritualidade de matiz ecumênica que responda, pelo menos em parte, aos desafios de uma teologia das religiões para os nossos dias, tendo em vista o contexto latino-americano. Eles são interdependentes e revelam aspectos de um mesmo prisma.

1 A referência da justiça, da paz e da alteridade

Um dos temas que mais tem interpelado a reflexão teológica na primeira década desse milênio é o papel das religiões nos processos de estabelecimento da paz, da justiça e da sustentabilidade da vida e como se dá a relação com os sistemas econômicos. Diversos círculos teológicos e cientistas da religião têm se debruçado no quadro sociorreligioso mundial para compreender os processos de abertura e de diálogo entre grupos de tradições religiosas distintas, em diversas frentes de ação, assim como os processos de enrijecimento das perspectivas religiosas, com o fortalecimento de formas de caráter fundamentalista, com o aguçamento de conflitos e com o reforço de culturas de violência.

Nossas reflexões têm como eixo articulador a preocupação pela paz, pela justiça e pela integridade da criação. É de fundamental importância analisar o valor do humano e da ética social para o diálogo inter-religioso, as possibilidades de uma unidade aberta, convidativa e integradora no âmbito das religiões, a importância pública das religiões, o poder do império e o poder do diálogo das religiões.

É necessária uma análise atenta aos processos religiosos que florescem no mundo todo e como eles se inter-relacionam entre si e dentro de cada tradição. Esse conjunto de relacionamentos, favorecido enormemente pelos processos de globalização e de fortalecimentos de instituições internacionais governamentais e não governamentais, forjam relacionamentos positivos entre os povos do mundo. Ao mesmo tempo, há situações nas quais tal aproximação se desvanece, o que gera as possibilidades de reinício dos conflitos.

A compreensão da situação conflitiva das religiões possibilita percebê-las não somente como negativas, uma vez que podem ser portadoras de uma nova sensibilidade sobre a necessidade de se superar os antagonismos e a intolerância. Portanto, não obstante os aspectos negativos das interfaces das religiões com a cultura e com a política, ao gerar formas de violência, um olhar teológico sobre as

religiões deve priorizar a abertura dialogal presente na vida, como elemento antropológico. O diálogo aumenta a capacidade humana de autorrealização e de realização do outro. Ele é um reconhecimento de que o outro me permite uma transição para uma nova posição. Tal situação estimula e possibilita as práticas do fazer-se humano e ao mesmo tempo cria condições para que os processos teóricos de compreensão da vida sejam mais completos e consistentes. “Quando o diálogo é estabelecido, não só se experimenta uma preocupação teórica (quem dialoga conosco), mas também é manifestado um compromisso prático, que, ademais, exige uma compreensão mútua” (SANTA ANA, 2010, p. 112). Trata-se do *Eu e Tu*, de Martin Buber. É a consciência se descobrindo a si mesma como existência graças ao outro. Essa tem sido e transparece como forte necessidade de ser uma das fontes fundamentais de inspiração dos movimentos ecumênicos.

Nos processos de construção da paz e da justiça as análises globais das relações de dominação são, obviamente, fundamentais. Muitos teólogos e cientistas da religião têm se debruçado sobre as relações Norte-Sul e sobre os interesses econômicos e geopolíticos em torno das relações entre países e o papel das religiões nesses processos.

Seguindo a tradição teológica latino-americana, afirmamos a crítica às relações de dominação e de exclusão que marcam a atualidade, e que caracterizam o domínio de um “novo império”, capitaneado pelos Estados Unidos da América, que condiciona e dirige todas as formas de pensamento, modos de viver e sistemas de valores.

A própria teologia se rende ao império na medida em que camufla em seus postulados os conflitos que marcam o mundo contemporâneo. Gera-se aí uma teologia distante do *kerigma* evangélico fundado na fé em Jesus Cristo. A pergunta fundamental a ser respondida pelos círculos teológicos e eclesiais é se o caminho de evangelização desejado deve ser definido “com as armas do império – repetindo erros do passado – ou pelo diálogo com as religiões do mundo?” (COMBLIN, 2005, p. 10).

Ao lado disso, está a indicação que o diálogo advindo do pluralismo religioso está relacionado à questão da pobreza, pois ela é crucial para a fé cristã. Qual é a mensagem do cristianismo em meio a outras religiões? Em que ele se distingue? Se o cristianismo conseguir dar visibilidade à sua questão teológica primordial, prévia a qualquer exposição, que é a situação das pessoas pobres, ele poderá dar uma contribuição significativa para o diálogo inter-religioso.

Outra pressuposição importante com que trabalhamos é que diante das diversas indagações sobre a vida, em especial os temas que envolvem a paz e a justiça no mundo, são necessários eixos norteadores para que a reflexão teológica tenha a abrangência capaz de ser relevante diante dos desafios que a sociedade apresenta na atualidade. Nossa proposição é que a perspectiva ecumênica, uma vez articulada com as dimensões sociais, políticas, econômicas e culturais, dentro dos variados contextos históricos, pode oferecer densidade e amplitude para a reflexão teológica. Os esforços que valorizam a capacidade de diálogo e de sensibilidade ecumênica e aqueles que destacam a importância pública das religiões partem da concepção de que a perspectiva ecumênica, tanto em nível prático quanto em nível teórico-metodológico, requer e possibilita uma compreensão mais apurada da realidade, um aperfeiçoamento de visões dialógicas e o cultivo de maior sensibilidade para a valorização da vida e para a promoção da paz e da justiça.

Como se sabe, a explosão mística e religiosa vivenciada no final do século 20 e na primeira década do século 21 em diferentes continentes e contextos socioculturais revela, entre outros aspectos, um esgarçamento da razão moderna como doadora de sentido para a humanidade. Ao mesmo tempo, a sempre referida falência dos projetos utópicos globais leva, a nosso ver, contingentes expressivos da população a buscarem formas intimistas e privatizadas de expressão religiosa, o que inibe formas de vivência social e religiosa marcadas pela alteridade.

Embora haja um nexos entre violência e religião, herdado de longas tradições culturais e religiosas e que ainda marca os tempos atuais, ficam indicados, não obstante a isso, elementos dentro das próprias dinâmicas e conceituações religiosas

que são geradores da paz. E é daí que surgem diferentes desafios e possibilidades. O mais fecundo é o da ‘escuta’; saber ouvir o diferente. Trata-se da

tentativa de nos submeter à verdade onde quer que ela se encontre, aceitando o pluralismo de perspectivas e de nomes, quaisquer que eles sejam e onde quer que pulse o coração da vida. Esta missão é ‘sair’ da violência mimética e redutora da alteridade do outro e entrar numa dinâmica de paz polifacética e plural (BINGEMER, 2001, p. 288).

A pluralidade religiosa tem sido vivida nas tensões tanto em relação ao processo de secularização como em relação à convivência conflitiva das diferentes religiões. A vivência atual, bastante distinta das gerações passadas, é forjada no contexto de cruzamento e interação de ateísmo, descrença e indiferença religiosa, por um lado, e o fortalecimento de várias experiências religiosas, antigas e novas, por outro.

Uma das questões que se apresenta é se a secularização é "inimiga" ou "amiga" da fé. Para respondê-la, podemos lembrar que no próprio contexto da fé judaico-cristã já se encontra uma interface com uma visão “mundana do mundo” em que a experiência religiosa não se impõe como compreensão unívoca, mas dirige-se a uma emancipação do ser humano em relação à religião. Isso se dá de variadas formas como, por exemplo, o valor da dimensão humana e histórica no processo de encarnação, o plano das lutas pela justiça e pelos direitos que, mesmo sendo sagradas, são travadas na secularidade, a importância da criação que, embora tenha uma interpretação religiosa, pois é de Deus, possui a sua realidade terrena, imanente. Trata-se de uma interpretação positiva dos processos de secularização que vê a emancipação humana, não como o “crepúsculo de Deus”, mas como reforço ao que já está engendrado na revelação bíblica (BINGEMER, 2001).

Na mesma direção, perguntaríamos se a emancipação humana significaria o crepúsculo de Deus, o que nos levaria a uma face negativa que o contexto de modernidade e secularização produziu, uma vez que esses contextos

embora pretendam emancipar-se de toda e qualquer divindade imposta e/ou institucionalizada, criam os seus próprios deuses, diante dos quais é obrigatório curvar-se e a cujas leis se deve obedecer. Alguns desses novos deuses constituem verdadeiras idolatrias que interpelam profundamente a fé trinitária (BINGEMER, 2002, p. 303).

Residem aí a “vendabilidade” de todas as coisas, que é o deus mercado, o culto à personalidade, o progresso visto como primazia em relação ao humano, o utilitarismo nas relações humanas, e o poder e o prazer desprovidos de alteridade e de sentido. Dessa forma, tanto os processos modernos de emancipação humana como as experiências religiosas podem se encontrar na busca de caminhos frente à vulnerabilidade das pessoas e de grupos diante desses novos deuses e ídolos ou também frente à perplexidade que o novo e complexo quadro religioso apresenta. Diante dessas e de outras questões, podemos perceber traços de uma sacralidade para os tempos difusos e confusos em que se vive hoje.

A valorização da pluralidade religiosa, a recuperação do sentido espiritual da gratuidade, a crítica às formas de fixismo, o interesse e inclinação para se repensarem categorias filosóficas e teológicas tradicionais, a interface com as ciências e com a espiritualidade, a abertura à sedução gratuita do sagrado como possibilidade amorosa e realizadora, o diálogo com tradições religiosas diferentes formam placas de um caminho que necessita ser reinventado a cada momento. A teologia latino-americana encontra-se desafiada por tais sinalizações.

Na tradição da prática de diálogos entre as religiões, como se sabe, há implicações expressas de partilha de vida, experiência de comunhão e conhecimento mútuo, dentro de um horizonte de humanização, de busca da paz e da justiça e de valorização e afirmação da vida, considerando as exigências concretas que tais dimensões possuem. O diálogo se dá entre pessoas e grupos que estão enraizados e compromissados com a sua fé específica, mas que ao mesmo tempo estão abertos ao aprendizado da diferença. Para a realização dessa aproximação ecumênica, Faustino Teixeira indica cinco elementos norteadores: a consciência de humildade, a abertura ao valor da alteridade, a fidelidade à própria

tradição, a busca comum da verdade e um espírito de compaixão (TEIXEIRA & DIAS, 2008).

Há várias formas de diálogo inter-religioso, mas independentemente delas a prática dialogal requer um espírito de abertura, hospitalidade e cuidado. Entre as formas de diálogo destacam-se: a cooperação religiosa em favor da paz, os intercâmbios teológicos e a partilha da experiência religiosa, especialmente no âmbito da devocionalidade e da oração. Como nos mostra o referido autor, há também dois polos de reflexão, ambos por demais desafiadores. O primeiro trata do lugar do diálogo entre as religiões no processo de globalização, considerando tanto os efeitos positivos como as facilidades de comunicação, uma nova consciência global e planetária e o pluralismo como os negativos como o aguçamento dos fundamentalismos nas várias religiões. Tal contradição reside especialmente na recusa do engajamento comunicativo, por um lado, e pela abertura dialogal, por outro. A primeira opção reforça os tradicionalismos exacerbados em reação às novas sensibilidades e circunstâncias da comunicação dialógica e global, o que gera as mais distintas formas de fundamentalismos. A segunda opção, a do diálogo, se impõe como desafio criativo e significativo para o futuro do mundo. O segundo polo diz respeito à espiritualidade e como ela se vincula intimamente à prática do diálogo inter-religioso.

Tal visão não está dissociada do elemento que na tradição teológica e pastoral latino-americana está sobremodo ressaltado que é a centralidade da categoria teológica do Reino de Deus. Ele tornou-se ponto fundante das vivências espirituais de diferentes grupos eclesiais e políticos. Dentro desse quadro uma nova consciência ecumênica aparece e está se difundindo inesperadamente pela humanidade. Trata-se de uma nova experiência espiritual.

Dentre os aspectos da teologia cristã favoráveis a uma teologia pluralista das religiões podemos lembrar a visão jesuânica que destaca as dimensões teorreinocêntrica e teoprática, como nos mostra Vigil (2006). Elas relativizam a prática cültica uma vez que a práxis do amor e da justiça, para Jesus, está acima até mesmo do culto e das práticas religiosas e relativizam também a perspectiva

eclesiocêntrica. “Jesus não somente não foi eclesiocêntrico, como tampouco foi eclesiástico; nunca pensou em fundar uma igreja, e até se pode dizer que, de algum modo, sua mensagem central implicava na superação daquilo que é uma religião ou Igreja institucional” (VIGIL, 2006, p. 139). Para Jesus, o mais importante, o “último” em sentido teológico, é o Reino de Deus, entendido como vontade divina revelada em interação amorosa e salvadora com as pessoas; não um deus “em si”. Não se trata de um conceito, mas, sim, de uma vivência, de um reconhecimento e de opção fundamental do caminho a se seguir na vida. O diálogo ecumênico é visto como parte integrante do Reino de Deus.

Outro aspecto é de caráter mais filosófico, embora expresso de forma simples, e está relacionado ao que se consagrou chamarmos de “regra de ouro”: “não faças aos outros aquilo que não desejas que outros lhe façam”. Trata-se do elemento ético nas religiões e que se encontra presente nos textos sagrados das mais destacadas religiões como o judaísmo, o cristianismo, o islamismo, o budismo, o confucionismo, o hinduísmo, o jainismo, o zoroastrismo. O mesmo ocorre no pensamento filosófico como expresso, por exemplo, no “imperativo categórico” de Kant, o que mostra ser a “regra de ouro” algo universalmente percebido, o que reforça seu caráter de elemento central de revelação divina. Diante disso, há a indagação: “se existe esse consenso humano, simultaneamente filosófico e religioso, tão universal, cabe perguntar: não seria possível e conveniente fazer dessa regra de ouro o fundamento certo do diálogo inter-religioso?” (VIGIL, 2006, p. 235).

Destacamos quatro aspectos que dão base para a teologia latino-americana reforçar seus referenciais em torno da justiça, da paz e da alteridade. O primeiro é a importância pública das religiões nos processos, ambíguos e contraditórios por suposto, de construção da paz e da justiça. O segundo é o valor da mística e da alteridade para os processos religiosos e sociais, dentro do quadro de recrudescimento nas perspectivas utópicas e doadoras de sentido e de intensificação de propostas religiosas fortemente individualistas e geradoras de

violência. O terceiro destaca o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com base na tradição da prática de diálogos entre as religiões, em que há implicações concretas no campo da solidariedade, nas experiências de comunhão e de conhecimento mútuo, nos processos de humanização e de busca da paz e da justiça. O quarto aspecto é a importância do Reino de Deus na reflexão teológica, em especial a perspectiva latino-americana, na qual a centralidade dessa categoria teológica tornou-se referência de vivências religiosas, eclesiais e políticas.

2 Mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas

As temáticas relativas às tensões entre teologia e cultura são diversas, especialmente em função das rápidas mudanças socioculturais, políticas e econômicas em curso no Brasil e no mundo. Basta lembrar as questões que emergem das realidades urbanas, as bioéticas, as de gênero, as que surgem das formas de consumo e tantas outras. Todas elas desafiam a reflexão teológica e como todas possuem interfaces agudas com as experiências religiosas, desafiam igualmente as ciências da religião. Portanto, a relação entre fé e cultura – ou, para ser mais preciso: entre fés e culturas [no plural] – marca os principais debates no cenário teológico, não obstante as diferenças de épocas e de contextos. Trata-se de uma relação extremamente complexa e desafiadora.

No caso brasileiro e latino-americano em geral, são diversas as arestas presentes no quadro das relações entre fé e cultura, especialmente pela simbiose das culturas africanas, indígenas e as formas de cristianismos que se tornaram hegemônicas no continente. Consideramos que urge tratar de uma dessas arestas que se refere às possibilidades de alargamento metodológico da teologia, questionando o excessivo racionalismo deste, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana. Nesse sentido, é preciso ressaltar a necessidade de mudança de lugar teológico a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas, destacar a contribuição de uma teologia indígena,

especialmente por desfrutar da tensão criativa entre ritualidade e racionalidade, e destacar também a contribuição da teologia negra quando articula as subjetividades do mundo afro-brasileiro e a racionalidade cristã ocidental.

Nossa pressuposição é que a realidade das culturas religiosas afro-indígenas – que marcam o contexto latino-americano – requerem uma mudança do lugar teológico e uma revisão do método teológico em diferentes aspectos. Não obstante certas idealizações das referidas culturas, que precisam ser descartadas em nossas análises, não se pode negar traços significativos delas, como, por exemplo, a primazia da vivência comunitária em detrimento das lógicas doutrinárias e formais, e a maior ênfase na dimensão do despojamento e da autodoação em contraposição às formas cristológicas sacrificialistas. Tais visões, entre outros aspectos, são indicações de um novo/antigo caminho teológico que levaria a reflexão teológica a rever o seu forte acento racionalista.

A proposta de mudança de lugar teológico, que inclua a possibilidade de fazer teologia a partir da realidade das culturas religiosas afro-indígenas precisaria articular dois polos de reflexão: a que emerge do ponto de vista da experiência afro-americana e a que se efetua dentro do marco das culturas indígenas, considerando que ambas releem e reinterpretam criativamente e partir de suas próprias experiências e símbolos a perspectiva teológica e religiosa latina da fé cristã.

O referencial hermenêutico dessa visão teológica é o mesmo da teologia da libertação e ela se desenvolve a partir do paradigma do pluralismo religioso e cultural constatado na atualidade e assumidamente valorizado. Por essa valorização entende-se o reconhecimento do pluralismo como “dom precioso que enriquece a humanidade e a convida a um aprofundamento espiritual novo e mais profundo” (BARROS, 2009, p. 31).

Entre as visões teológicas desafiadoras está a de uma cristologia afro-latíndia. Ela mostra, entre outros aspectos, que a redenção acontece não mediante a morte sacrificial de Jesus na cruz, mas que nasce de uma fé confiante e despojada

mediante o amor de Deus. “Isso não diminui o valor salvífico da autoentrega de Jesus em seu martírio e da força do exemplo que tem sua paixão. Mas abre a fé cristã a um reconhecimento de uma ação divina muito além do Cristianismo” (BARROS, 2009, p. 125-126).

No tocante às questões eclesiológicas, o que fica indicado como valor são formas comunitárias de viver a fé, dentro da referência teológica da libertação, na comunhão com as culturas afro e índia, incluindo o valor que nelas é dado às festas e à preparação e ao desfrutar da comida. Essa perspectiva requer uma mudança profunda na concepção de missão, que passa a ter a sua ênfase na forma profética de inserção no mundo, que vive e celebra o testemunho da ressurreição de Jesus no meio dos sofrimentos humanos, sobretudo das pessoas mais pobres, e do martírio constante das comunidades negras e índias. A eclesiologia afro-latíndia fundamenta-se em ser antirracista e antidiscriminatória, comprometida com a justiça e com o respeito das diferenças. Ela é marcada, não obstante o seu caráter militante, pela alegria e pela dimensão lúdica, mesmo em meio ao sofrimento.

Em relação especificamente à teologia indígena latino-americana são muitos os desafios, em especial pelo elevado grau de diferença cultural nos diferentes contextos e épocas e pelas interpelações que a história do encontro entre culturas provocou.

Na interpeção de uma teologia indígena, Diego Irarrazaval formula a sua teologia a partir dos povos originários do continente latino-americano, a partir das suas vivências de espiritualidade, numa atividade que nasce a partir “de baixo”, com as populações excluídas, e “de dentro” da cultura e fé ameríndia. A provocação primeira para estas produções é dada pelas populações empobrecidas, “de baixo”, das classes populares e “de dentro”, do próprio espaço da América Latina. Dessa forma, torna-se necessário interpelar a teologia a partir das falas/crenças indígenas questionadoras de heranças coloniais que encobrem experiências de espiritualidade e que não são relacionadas ou geradas com construções eurocêntricas.

Tal perspectiva se constrói a partir de dois importantes eixos: o primeiro deles refere-se ao mundo indígena e mestiço, uma encarnação nestas vivências, em suas identidades complexas, na interação entre suas culturas, em seus mitos e formas de espiritualidade e em suas outras propostas de fé em Deus. Já o segundo eixo refere-se a abordagens mais amplas da realidade latino-americana, a partir “de dentro” desse espaço, para tanto, aproxima-se das culturas e religiosidades dos povos pobres, e, a partir “de baixo”, relacionando ação evangelizadora, inculturação e as hermenêuticas que são construídas e desenvolvidas no contexto e em diálogo com povos “indo-afro-mestiços”.

A partir deste lugar vivencial, os povos tradicionais interpelam uma produção de teologia com seus mitos e suas utopias. A fé indígena provoca a teologia das religiões, reprojetoando-a para além das elaborações teológicas cristãs que se construíram como espaços hegemônicos de onde se interpreta a espiritualidade e a cultura dos povos ameríndios. A teologia passa a ser desafiada pela construção de narrativas a elaborar-se a partir de uma fé plural e diversa.

O referido autor apresenta quatro pontos de destaque a partir dos mitos e da fé indígena:

- I. O imaginário mítico e utópico, na população Ameríndia, é heterogêneo e complexo e conjuga origens marcadas pela felicidade e pelo mal.
- II. A teologia cristã, ao se aproximar dos mitos, ritos, utopias e éticas dos povos indígenas, não se delimita pelo tradicionalmente religioso da experiência cristã, mas se alimenta pela busca de uma vida plena com os símbolos espirituais de povos tradicionais.
- III. A reflexão cristã, neste encontro, ressitua-se na espiritualidade e sabedoria dos povos indígenas, na fé dos “de baixo”.
- IV. O desenvolvimento de uma solidariedade mundial é inseparável do cosmo e da qualidade espiritual dos povos, que provoca uma interação entre comunidades indígenas e outros setores da humanidade, a articulação entre teologias

indígenas e outros modos de fazer-teológico, reconhecendo, assim, um pluralismo religioso e um pluralismo teológico (IRARRAZAVAL, 2007).

Observemos agora a contribuição da teologia negra da libertação para o debate do pluralismo religioso. Nossa proposição é que as dimensões de subjetividade e de experiências lúdicas e rituais dos grupos religiosos afro-brasileiros, uma vez vistos como interpelação à teologia cristã, redimensionaria o caráter fortemente racional nela presente e geraria novas sínteses.

Buscou-se na América Latina, em linhas gerais, colocar em comum os diversos aspectos sociais e teológicos a partir da realidade das comunidades afro-americanas e caribenhas emergentes nas últimas décadas do século 20; analisar e aprofundar à luz da reflexão teológica os grandes desafios provenientes da realidade pastoral dos povos negros; aprofundar as exigências de uma “evangelização inculturada” indicadas pelas igrejas; aprofundar a reflexão sobre as práticas ecumênicas a partir das culturas e religiões de origem africana; e como as teologias feministas e índias podem representar espaço de encontro, de diálogo e de construção de novos referenciais e paradigmas teológicos.

Tais perspectivas, defendidas por grupos de agentes de pastoral negros (APN), apresentaram a ideia de um Jesus Cristo luz e libertador do povo afro-americano, ao mostrar que na diáspora do povo negro africano – e esta é a realidade do contexto latino-americano – não houve dificuldades por parte das religiões de origem africana de se acolher Jesus Cristo como expressão concreta da fé. Não obstante a diversidade religiosa da comunidade negra no continente, Jesus é respeitado, cultuado e invocado e visto como libertador. Ao analisar a experiência dos grupos africanos, Banto e Nagô, vemos que a cristologia pode ser redimensionada a partir da experiência de ancestralidade e de orixalidade. Trata-se da valorização do passado fazendo-o estar presente na comunidade por intermédio da mediação ancestral e da valorização da mediação que reúne ao mesmo tempo a identidade humana e divina, como é o caso da força universal dos orixás.

A lógica racional que sustenta a teologia cristã ocidental, mesmo a teologia da libertação, precisaria ser interpelada pelas concepções de mundo africanas em que o humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar, como o “estado de santo”, por exemplo. Também a subjetividade própria da sabedoria africana carece de reciprocidade diante da racionalidade ocidental.

Outro desafio é a compreensão da salvação. A distinção presente em teologias cristãs tradicionais dos atos divinos de criação e de salvação não é encontrada nas tradições religiosas africanas. Nelas, criação e salvação constituem em ato único divino. A salvação já está dada por Deus no ato criador. “Deus cria salvando e salva criando” (SILVA, 2003, p. 102). Essa visão não despreza os procedimentos éticos, mas se isenta de uma quase obsessão pela salvação, como vista em alguns grupos cristãos, que gera formas religiosas “de barganha” humana com Deus e formas de exclusivismo. O compromisso ético não se baseia tanto na busca incessante de uma salvação, mas de um equilíbrio, de um bom relacionamento entre as pessoas e delas com a natureza de uma fidelidade ao divino.

Relacionadas a esse tema surgem as questões cristológicas. Há uma forte tendência em religiões africanas de se incorporar Jesus Cristo em seus esquemas e simbologias. E isso, em geral, se dá não como mera assimilação igualando-o, por exemplo, aos orixás, mas como novidade de vida especialmente ligada à superação de condições aviltantes como a escravidão. Trata-se de uma nova percepção de fé forjada pelo contexto opressivo da diáspora. Jesus, mesmo com nomes variados, se encontrará presente e atuante na vida das pessoas. O que isso pode representar para a teologia cristã em seus processos de renovação e de busca de referenciais mais profundos para a fé? Além disso, o autor nos lembra de que “se a amálgama que permite a unidade da teologia cristã é a fé da comunidade no Deus de Jesus Cristo, o ato unificador das tradições africanas é a experiência centrada no Deus da Vida mediatizada pelo AXÉ” (SILVA, 2003, p. 100), mesmo considerando a diversidade interna das religiões afro-americanas.

A dimensão sacramental também é desafiadora. Para o autor, o mistério da Eucaristia nas igrejas cristãs e o Estado-de-Santo nos cultos do Candomblé, por exemplo, evidenciam momentos absolutos da relação do humano com o divino, e, portanto, uma teologia do pluralismo religioso deveria dar, minimamente, a mesma excelência para ambos, sendo assim vistos como “sacramentos”. Diferente das formas ocidentalizadas de cristianismo, a teologia das heranças africanas, nos indica o autor, “se fundamenta numa concepção de mundo de relações mais que dialéticas verdadeiramente analéticas. O humano e o divino convivem num mesmo espaço de tempo e lugar. É a lógica da não-lógica” (SILVA, 2003, p. 101). Tais perspectivas suscitam indagações importantes para um diálogo entre teologia cristã e teologia das heranças africanas: “Qual lógica é capaz de dar conta de uma realidade onde o humano e o divino transformam a corporeidade em carregadora de ambos? Qual lógica explica o “estado de santo”?” (SILVA, 2003, p. 101). Trata-se de questões mutuamente desafiadoras

Portanto, diversas questões suscitadas pela realidade das culturas afro-indígenas, interpelam o método teológico, especialmente a relação entre subjetividade e racionalidade. Tal relação, em nosso ponto de vista, é fundamental para o alargamento do método teológico, tão almejado nas últimas décadas. Trata-se de questionar o excessivo racionalismo da teologia, a partir de uma aproximação da fé cristã com as experiências religiosas marcadas pelas culturas afro-indígenas, base da realidade cultural latino-americana.

3 A contribuição da teologia feminista da libertação para o debate do pluralismo religioso

O debate sobre o pluralismo religioso na América Latina cada vez mais se torna relevante devido à vivência multicultural e multirreligiosa do continente. Como se sabe, a intolerância religiosa, ao lado dos interesses econômicos e políticos, é um dos grandes motores que geram a violência, causando a morte de milhares de inocentes, principalmente nos países pobres. Na perspectiva cristã, a

discussão sobre as mensagens religiosas capazes de dar respostas consistentes para crentes e não crentes, num mundo marcado por guerras, violência e injustiça social centralizam-se, em geral, na discussão sobre o significado de Jesus Cristo hoje e a doutrina da encarnação. Entretanto, as teólogas feministas da libertação têm ido além ao, não somente discutirem o tema da cristologia, mas procurarem aprofundar os problemas sexistas advindos da visão religiosa monoteísta e os que emergem das metáforas patriarcais utilizadas na construção da imagem de Deus. Nessa perspectiva, a discussão sobre o pluralismo gira fortemente ao redor dos dogmas que têm excluído as mulheres das instâncias de decisão e do poder nas esferas religiosas e não tanto nas diferenças entre as religiões. Além disso, alguns desses dogmas também têm marginalizado homens e mulheres de diferentes raças e culturas, em nome de um "Cristo branco, de traços europeus". Portanto, trata-se de um esforço radicalmente inclusivo.

A perspectiva feminista do diálogo inter-religioso busca elementos, princípios e práticas de natureza libertadora não apenas para as mulheres, mas para os diversos grupos marginalizados e discriminados socialmente, tendo como base um conceito de divindade não sexista, não patriarcal, não elitista e não racista. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de se valorizar as religiões e culturas que são desconsideradas na sociedade.

O escândalo da Cristologia, para a maioria das feministas, consiste no fato de se promover uma figura masculina de Deus, tendo as mulheres de se confrontar com a figura de um homem como pessoa paradigmática. A simples superação da masculinidade do Jesus histórico como um fato contingencial, a relativização da linguagem e a ênfase na mensagem de Jesus como mensagem revolucionária parecem não ser suficientes para superar as cristologias tradicionais. Todos os suportes simbólicos da Cristologia precisam ser reinterpretados (Ruether). O repúdio às figuras de heróis e heroínas deve ser implementado. Esse repúdio, concentrando a idéia salvífica na relacionalidade, na comunidade, pode afastar-nos de governos do tipo autoritário, que concentram a idéia de salvação em uma figura única. Além disso, está mais próximo de um diálogo com o pluralismo religioso, como nos mostra o trabalho que teólogas latino-americanas estão realizando com e nas comunidades afro-americanas e indígenas. Nesse sentido, não apenas recupera a visão das mulheres, mas também a de povos e raças oprimidos,

tanto do ponto de vista econômico-social como étnico racial. A inter-relacionalidade entre as pessoas na comunidade é colocada em destaque; a comunidade é salvífica, nas religiões afro-americanas. O poder é mais partilhado e um grande respeito aos velhos, às crianças e a toda a natureza é observado (TOMITA, 2005b, p. 112-113).

Como decorrência da referida busca, está a necessidade de uma revisão da cristologia, de modo que ela não se restrinja em uma mensagem centrada em um único indivíduo, mas em uma comunidade. Seria a possibilidade das experiências religiosas que se pautam pela inter-relacionalidade, pelo compartilhamento do poder, pela constituição de relações internas justas, pelo respeito aos velhos, às crianças e à natureza. Nas palavras da autora:

Não se pretende com esta proposta jogar fora a pessoa histórica de Jesus, mas ele deve permanecer como uma figura paradigmática, por sua mensagem e práxis. A comunidade se torna central, mas as pessoas dentro dela devem ser modelos de vivência comunitária, de práxis de solidariedade, de fraternidade/sororidade, de luta contra a desigualdade e injustiça social (TOMITA, 2003, p. 114).

Além das questões especificamente cristológicas, há duas outras que representam desafios importantes no debate do pluralismo religioso: o conceito de salvação e a questão do monoteísmo.

A concepção da salvação entendida como cura e doação de vida, relativiza uma série de mitos de origem sobre o pecado e a culpa, em que grande parte da culpa foi histórica e ideologicamente atribuída à mulher. A crítica – e mesmo, a ruptura – com a visão teoria agostiniana do pecado original faz com que a teologia tradicional da salvação perca o sentido. A salvação, não mais ligada a uma cristologia da reconciliação do humano contra o seu estado inicial de pecado, mas sim contra o pecado estrutural, ganha novo sentido. A dimensão salvífica passa a estar ligada à cura, à elevação da autoestima, à doação de vida, à acolhida no seio da comunidade. Dessa forma, a teologia cristã teria condições de ser mais fiel a seus princípios de igualdade de todos os seres humanos, de ter a comunidade fundamentada na justiça e na paz e de expressar o poder divino como representante do amor em sua plenitude.

De forma similar está o tema do monoteísmo, uma vez que ele foi canalizado para uma imagem sempre masculina de Deus. Inclusive tornou-se um “golpe” contra culturas ancestrais que possuíam a crença em divindades femininas e que por isso empoderavam as mulheres. O monoteísmo afetou a vida das mulheres ao acabar com a bissexualidade da divindade e assim afastar as mulheres da natureza divina. Também introduziu um dualismo entre corpo e o espírito, entre a humanidade e a natureza, entre Deus e o mundo. Uma espiritualidade centrada em Deusa possibilita uma reflexão a partir da realidade corporificada no cotidiano, tanto nas dimensões de prazer como nas de dor, incluindo as mudanças e os processos do corpo, da vida pessoal, da autoafirmação e, ao mesmo tempo conectada ao compromisso social e atividade política. Dessa espiritualidade surgem as possibilidades de afirmação do corpo, tanto em seu poder erótico como em seu poder criativo de dar a vida e de ser fonte de cura.

O esforço da teologia feminista da libertação em buscar imagens femininas de Deus está centrado na expressão da fé em uma divindade que esteja preocupada com as situações de opressão e violência que marcam a vida de parcelas consideráveis da população, especialmente mulheres. Tal divindade, despida de androcentrismos e as conseqüentes formas de patriarcalismos e sexismos, promove a cura, valoriza o corpo, a sexualidade, o cuidado e a proteção da natureza com uma conseqüente responsabilidade ética pela criação. Aliás, tal perspectiva estabeleceria saudáveis conexões com as religiões indígenas e africanas, uma vez que elas possuem imagens divinas menos autoritárias, mas que habitam ou se revelam no meio da comunidade, baseiam-se em uma inter-relacionalidade, solidariedade e maior respeito às pessoas e à natureza.

O diálogo inter-religioso também produz no interior de cada expressão religiosa mudanças e identificação de desafios. No caso do cristianismo, é importante ressaltar a necessidade de crítica do papel que ele desempenhou nos processos de colonização e catequização dos povos, cuja marca de intolerância, violência e rejeição das outras religiões e culturas, consideradas como demoníacas,

está fortemente presente até os dias de hoje. A teologia feminista pode contribuir com essa revisão do lugar da religião no projeto de libertação.

Considerações Finais

A complexa realidade social e religiosa que hoje é vivenciada, especialmente o pluralismo religioso, desafia fortemente a produção teológica latino-americana. Entre os desafios está a construção de uma lógica plural para o método teológico, o que ressalta ainda mais a importância das questões ecumênicas para as reflexões teológicas atuais.

Procuramos mostrar que, diante do pluralismo religioso, faz-se necessária para a teologia das religiões uma atenção especial à articulação entre a capacidade de diálogo dos grupos religiosos e os desafios em torno da defesa dos direitos humanos, pressupondo que a espiritualidade ecumênica requer visão dialógica, profunda sensibilidade com as questões que afetam a vida humana e inclinação para a promoção da paz. Também indicamos que uma espiritualidade ecumênica que emerge do pluralismo religioso terá como valor a dimensão mística e a alteridade e isso incidirá nos processos religiosos e sociais, favorecendo perspectivas utópicas, democráticas e doadoras de sentido. Ressaltamos o diálogo ecumênico como afirmação da vida, com as respectivas e concretas implicações no tocante à solidariedade, à comunhão, ao conhecimento mútuo e às iniciativas e projetos de humanização e de justiça social. Destacamos também que a centralidade do Reino de Deus como categoria fundamental no método teológico afirma-se como referência para as espiritualidades ecumênicas e que há implicações importantes para o método teológico quando a realidade das culturas religiosas afro-indígenas e as experiências das mulheres são consideradas.

Com a pesquisa, procuramos destacar o valor da pluralidade e da ecumenicidade para o método teológico, com vistas a identificar as principais implicações teóricas e práticas da formação de uma lógica plural na reflexão teológica e nas ciências da religião e as consequências disso para o conjunto da

sociedade. No caso da teologia cristã latino-americana, há diferentes grupos, envolvendo homens e mulheres, setores ecumênicos de juventude, comunidades eclesiais, e setores acadêmicos que têm se dedicado ao diálogo inter-religioso e tal experiência tem forjado novas perspectivas teológicas. O mesmo se dá com outras expressões religiosas. Tal caminho está possibilitando um novo paradigma para a teologia de cunho pluralista, afastando-a da visão inclusivista que a marcou em seus primórdios.

Os objetivos dessa nova movimentação teológica e pastoral, em linhas gerais, residem na articulação dos elementos fundantes da teologia latino-americana - como a sensibilidade espiritual com a defesa da vida, dos direitos humanos e da terra, especialmente os dos empobrecidos - com uma visão ecumênica, dialógica e de busca de uma fundamentação teológica do pluralismo religioso. Um longo e árduo caminho está ainda por ser trilhado.

REFERÊNCIAS

ASETT (Org). **Pelos Muitos Caminhos de Deus: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação**. Goiás: Rede, 2003.

BARROS, Marcelo. **O Sabor da Festa que Renasce: para uma Teologia Afro-latíndia da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2009.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (Org.). **Violência e Religião: Cristianismo, Islamismo, Judaísmo – três religiões em confronto e diálogo**. São Paulo: Loyola/PUC Rio, 2001.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. “Fases e interfaces da sacralidade em um mundo secularizado” (pp. 285-332). In: LIMA, Degislindo; TRUDEL, Jacques (Orgs.). **Teologia em Diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2002.

COMBLIN, José. **Quais os desafios dos temas teológicos atuais?** São Paulo: Paulus, 2005.

IRARRAZAVAL, Diego. **De Baixo e de Dentro: crenças latino-americanas**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2007.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **A Teologia da Libertação Morreu?** Reino de Deus e Espiritualidade Hoje. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. **Libertação e Gratuidade:** reflexões teológicas sobre a espiritualidade. São Paulo: Paulinas, 2013.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. Novos Desafios para um Novo Milênio: reflexões em torno da teologia e da pastoral latino-americanas. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 27, n. 72, p. 189-212, mai/ago 1995.

SANTA ANA, Julio de. Diálogos inter-religiosos: dificuldades e promessas. In: SOTER (Org.). **Religiões e Paz Mundial**. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 99-117.

SILVA, Antônio Aparecido da. Teologia cristã do pluralismo religioso face às tradições religiosas afro-americanas. In: ASETT (Org.). **Pelos Muitos Caminhos de Deus:** desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003. p. 97-107.

TEIXEIRA, Faustino do Couto; DIAS, Zwinglio Motta. **Ecumenismo e Diálogo Inter-Religioso:** a arte do possível. Aparecida: Santuário, 2008.

TOMITA, Luiza; BARROS, Marceço; VIGIL, José Maria (Orgs.). **Pluralismo e Libertação:** por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã. São Paulo: Loyola, 2005a.

TOMITA, Luiza; VIGIL, José Maria; BARROS, Marcelo (Orgs.). **Teologia Latino-Americana Pluralista da Libertação**. São Paulo: Paulinas, 2006.

TOMITA, Luiza. A contribuição da Teologia Feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso. In: ASETT (Org.). **Pelos Muitos Caminhos de Deus:** desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003. p. 108-119.

TOMITA, Luiza. Crista na ciranda de Asherah, Isis e Sofia: propondo metáforas divinas para um debate feminista do pluralismo religioso. In: TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). **Pluralismo e Libertação:** por uma Teologia Latino-Americana Pluralista a partir da Fé Cristã. São Paulo: Loyola, 2005b. p. 107-124.

VIGIL, José Maria. **Teologia do Pluralismo Religioso:** para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.

VIGIL, José Maria (Org.). **Por uma Teologia Planetária**. São Paulo: Paulinas, 2011.

VIGIL, José Maria; TOMITA, Luiza; BARROS, Marcelo (Org). **Teologia Pluralista Libertadora Intercontinental**. São Paulo: Paulinas, 2008.